

A COMPREENSÃO TEXTUAL COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRITICIDADE DO ALUNO DO ENSINO MÉDIO

Taislane da Silva Rodrigues¹

Francisca Verônica Araújo Oliveira²

Karinny da Silva Rodrigues³

Universidade Estadual do Piauí

Resumo: O trabalho em foco tem por objetivo investigar até que ponto a leitura escolar produz efeitos de mudanças em torno da postura crítica dos alunos do Ensino Médio e observar que tipo de leitura e compreensão textual os livros didáticos tem oferecido para esses alunos, das escolas Públicas estaduais da cidade de Parnaíba- PI. Sendo assim, pode- se perceber no ambiente escolar, que por muitas vezes, o docente não procura levar aos seus alunos textos que possibilitam o desenvolvimento significativo da imaginação dos discentes. E essa falta de contanto com a leitura-critica, acaba condicionando o aluno, a discussões óbvias. Para falar desse processo, baseamo-nos em Koch (2008), Sole (1998), Kato (1999), entre outros teóricos, para pontuarmos os fatores referentes à pesquisa, destacando a leitura e sua compreensão, e não somente a decodificação, para assim de forma valida acontecer à ligação do saber com o seu real contexto. É perceptível ao longo de várias leituras que esse processo vem sendo estudado por teóricos, e o mais importante disponibilizado aos docentes para que haja a quebra de velhos modelos, os quais prejudicam diretamente o aprendizado do aluno, pois o mesmo necessita conhecer e reconhecer propostas inovadoras e eficazes ao seu mundo.

Palavras-chave: Leitura crítica; Ensino-aprendizagem; Escola.

Abstract: The work focus is to investigate the extent to which school reading effect of changes around the critical posture of high school students and observe what kind of reading and reading comprehension textbooks have offered to these students, the state Public schools city of Parnaíba-PI. Thus, it can be noticed in the school environment, which often the teacher does not seek to take their students texts that enable significant development of the imagination of students. And this lack of

¹ Graduanda em Licenciatura plena em Letras/Português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, pós-graduanda em Metodologia do ensino de língua portuguesa e literatura, pela Faculdade Internacional do Delta – FID/INTA e professora substituta da rede pública de ensino do Governo Estadual do Piauí. (taisphb@hotmail.com)

² Graduanda em Licenciatura plena em Letras/Português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, pós-graduanda em Metodologia do ensino de língua portuguesa e literatura, pela Faculdade Internacional do Delta – FID/INTA e professora substituta da rede pública de ensino do Governo Estadual do Piauí. (fran.ve.ro.ni.ca@hotmail.com)

³ Graduada em Licenciatura plena em Letras/Português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, pós-graduanda em Metodologia da Língua Portuguesa pelo Centro de capacitação e treinamento de pessoas – CCTP, e atualmente integra o corpo docente da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, como professora substituta do curso de Letras/Português. (karinny_phb2008@hotmail.com)

long-criticism with reading, just conditioning the student discussions obvious. To speak of this process, we have relied on Koch (2008), Sole (1998), Kato (1999), among other theorists, for pontuarmos factors related to research, emphasizing reading and understanding, and not just the decoding to just so happens validates the connection of knowledge with its real context. It is noticeable over several readings that this process has been studied by theorists, and most importantly available to teachers so that there is a breaking of old models, which directly affect student learning, because it needs to know and recognize innovative proposals effective to your world.

Keywords: Critical Reading; Teaching and learning; School.

Introdução

A leitura é sem dúvida nenhuma essencial para formação de uma postura crítica de qualquer cidadão. E para mediar sobre esse processo o professor torna-se responsável por essa formação, o mesmo tem que desempenhar diversas tarefas, dentre elas cabe destaque o incentivo a leitura e que seus alunos tenham posicionamento a ser eficiente para seu convívio no meio em que vive.

Para falar desse processo, baseamo-nos em Koch (2008), Sole (1998), Kato (1999), entre outros teóricos, para pontuarmos os fatores referentes à pesquisa, destacando a leitura e sua compreensão, e não somente a decodificação, para assim de forma válida acontecer à ligação do saber com o seu real contexto. É perceptível ao longo de várias leituras que esse processo vem sendo estudado por teóricos, e o mais importante disponibilizado aos docentes para que haja a quebra de velhos modelos, nos quais prejudica diretamente o aprendizado do aluno, pois o mesmo necessita conhecer e reconhecer propostas inovadoras e eficazes ao seu mundo. Mais como veremos adiante às novas concepções de leitura só funcionará se for trabalhada de maneira correta, ou seja, aliada a metodologia do professor e aceitabilidade do aluno.

O docente precisa entender o processo de interação e de significação para seus alunos, entre o que ele vê em sala e o seu cotidiano, Para isso o mesmo precisa desenvolver mecanismos para a utilização fazendo uso de todos os conhecimentos citados por Koch & Elias (2008): linguísticos, enciclopédico e interacional, ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural. Conjunto esse que faz com que o aluno sinta a leitura como uma fonte de prazer. Sendo assim o uso de todos esses conhecimentos, servirá como um

ligação ,para diversas interpretações acerca dos assuntos abordados.KATO (1999) diz que o aluno dever passar de analisador, para reconstrutor de sentidos,onde o autor escreve o texto ,como se estivesse dialogando com o leitor ,não esquecendo as fontes que o mesmo possui ,advindas de experiências próprias,fazendo assim o chamado interação autor -texto-leitor,trabalhando de forma coletiva para uma compreensão aberta.

Segundo Kleiman (1997 p.31), "existe uma relação entre o sujeito leitor e o texto enquanto objeto, entre linguagem escrita e compreensão, memória, inferência e pensamento". São esses fatores que proporcionam o aluno a criticar e formular suas próprias concepções conforme ele achar mais acessível a sua compreensão.

O responsável por essa tarefa, o professor, precisa direcioná-lo, a entender o texto e os contextos, ou seja, o implícito nas linhas e os contidos nas entrelinhas. E essa capacidade de participar ativamente do texto, requer do mesmo, o aluno, leitura com intenção (objetiva), ler e produzir um sentido, ler e ativar conhecimentos e a pluralidade de leituras e sentidos. Ainda segundo Orlandi (1996), ler envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação da leitura. Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, é a construção de significado ao leitor. O ato de ler requer uma reconstrução de pensamentos e até mesmo uma construção de novas ideias.

Além do gosto pela leitura, o professor deve despertar as inquietações para que logo em seguida o aluno, de forma natural sinta a necessidade de reformular ou formular novos sentidos sobre qualquer texto por ele lido. O educando tem que notar a importância da ativação dos conhecimentos por ele já adquiridos, e de se entender e refletir acerca de tudo que o rodeia. Segundo os (PCNs, 1997, p 61):

Os princípios organizadores dos conteúdos de língua portuguesa USO REFLEXÃO - USO definem também a linha geral de tratamento que tais conteúdos receberão, pois caracterizam um movimento metodológico de AÇÃO - REFLEXÃO – AÇÃO.

Esse movimento metodológico citado no PCNs, de ação - reflexão-ação pode ser usada como modelo central para tal pesquisa, no sentido de que o aluno tem contato com texto, reflete sobre o mesmo e reformule ou acrescente algo acerca do que lhe foi exposto. Sem duvidas não se pode colocar uma carga excessiva no professor, todo esse processo internacional, devera contar como mais interessado, sendo assim outro ponto relevante é

como o aluno trata os textos por ele recebido. O ambiente escolar precisa de uma preparação para efetivação da compreensão de forma satisfatória, começado pela escolha do livro didático, a formação continuada do docente, a participação da direção e coordenação entre outras.

Esse sistema depende de uma ligação entre as partes interessadas. Segundo o PCNs, 1997,p.23“Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisacriar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva” .Seguindo os parâmetros ,é fundamental que o alunos tenha suporte de necessário para o desenvolvimentos de tais atividades,sendo assim para que a leitura tenha o desenvolvimento efetivo contara com uma estrutura bem maior que ira envolver vários órgãos ,integrantes do ambiente escolar.

Por conseguinte, teoricamente, os objetivos dessa pesquisa é a analise da postura tanto do professor como do aluno, os recursos utilizados pelo docente como auxilio para o incentivo a leitura, as estratégias e metodologias, para a realização de uma leitura eficaz. O texto vai alem do que estar escrito e vale bem mais quando se envolvimento efetivo com as palavras.

Concepção de leitura: compreensão e reflexão

Para Caruso (2007) em seu artigo: Interpretação de texto: Para entender, identifique os símbolos. O ato de ler implica descobrir e conhecer o mundo. Junto com ele, desenvolvemos um processo de atribuição de sentido às coisas que nos rodeia. Os textos que encontramos no dia a dia, estão repletos de signos, ou de símbolos, e até mesmo de sinais. O sentido das coisas nos vem principalmente por meio do olhar, da leitura: da compreensão e da interpretação desses múltiplos signos que enxergamos.

Podemos começar com o questionamento mais frequentes O que ler? Para que ler? E como ler? .Geralmente a leitura tem algum objetivo, sendo assim sempre haverá essas perguntas. No entanto sabe-se que a leitura se faz presente em nossas vidas, isso é inquestionável. E essa prática de ler esta aliada às constantes inquietações de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a realidade ficcional, contida nos livros com a que de fato nos

vivemos, fatores esses que nos condiciona a pesquisar nos livros. Segundo os (PCNs, 1997: 65).

Ler possibilita produções orais, escritas e em outras linguagens; possibilita a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação; ensina a estudar, possibilita ao leitor compreender a relação entre a fala e a escrita, expande o conhecimento a respeito da própria leitura, estimula o desejo de outras leituras, em suma, uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina a ler e a escrever.

A leitura também é um fator histórico, uma pessoa que tem o hábito de ler tem o poder de questionar. E lembrando a história, antigamente os livros eram fora do alcance do indivíduo, as mulheres não podiam ter contato com as letras, pois mesma como já fora citado é um poderoso instrumento. Ler aguça a vontade de ir além e isso por muitas vezes era podado, por governantes, épocas e etc. Os estudos eram somente para aqueles que possuíam condições, ou seja, ler era luxo e estiveram por muito tempo atrelado as classes dominantes.

Com a luta pela igualdade veio também, a necessidade de ser conhecer as letras, e apesar de tudo ainda hoje é fácil encontrar fatores que dificultam o leitor acessos aos livros como: culturais e econômicos. Apesar de tais dificuldades, há algum tempo esses antigos modelos sofreram alterações, e a leitura passou a ser acessível de certo modo. Por muito tempo o processo de leitura foi trabalhado de forma isolada, onde o autor por si próprio construía toda história, sem deixa margens ao leitor. Tal processo deixava o mesmo passivo a qualquer reflexão do tema lido, o condicionado a concordar plenamente com o texto.

A metodologia oferecida pelo docente colocava o aluno fora do alcance do texto. Freire diz que é essencial a valorização da cultura popular a qual nosso aluno está inserido, partindo desta cultura, e procurando aprofundar seus conhecimentos, para que participe do processo permanente da sua libertação. Freire (1992) escreve e delimita vários pontos significativos, no ato de ler e compreender (Texto/Contexto). Sobre esse assunto Freire, 1992, p.38:

A biblioteca popular como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como um fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto

Esse paralelo entre a cultura popular do aluno e o que ele ler deve ser trabalhado de

maneira paralela, onde o mesmo consiga adaptar-se a mudanças da sociedade e o mais importante participando de forma significativa no espaço em que vive. As estratégias apontadas pelos estudiosos possibilita uma vasta abordagem de metodologias, assim pode-se enquadrar os vários perfis de alunos, na sala de aula. O contato do aluno com a leitura de maneira, onde as letras traduzem o que de fato ele encontra na sua vida cotidiana, faz o ato de compreender o objeto por ele lido mais acessível. Martins (1994) em sua obra o que é leitura, enfatiza que *quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa situação nela: quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que nos apresenta, estamos procedendo leitura, as quais nos habituamos basicamente a ler tudo e qualquer coisa.*

Marcushi (1998) faz-nos entender que existem algumas condições que facilitam a compreensão para a exemplificação dos aspectos teóricos da leitura, destacando: Condição de base textual, condição de conhecimentos relevantes, condição de coerência, condição de cooperação, condição de abertura textual, condição de base contextual e condição de determinação tipológica. Em linhas gerais, para a execução dessas condições, exigirão estratégias para a compreensão das camadas textuais significativa, por parte do leitor/ouvinte.

Em seu livro, Solé (1998) descreve sobre as estratégias de leitura, que quando um leitor compreender o que lê, está de fato aprendendo; a leitura torna-se informativa, permitindo que se aproxime do mundo de significados oferecendo novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos. A leitura nos aproxima da cultura e, neste sentido, sempre é uma contribuição essencial para a cultura própria do leitor. Para Solé (1998: 40) “Talvez pudéssemos dizer que na leitura ocorre um processo de aprendizagem não-intencional, mesmo quando os objetivos do leitor possuem outras características, como no caso de ler por prazer”.

O ato de levar os alunos a ler e compreender tudo o que lêem exige explorar diferentes gêneros e procedimentos de estudo, levando em conta os vários gêneros textuais, onde se podem envolver todos os gostos. Outro fator que possibilitará sucesso dessa tarefa é o envolvimento dos professores de todas as disciplinas. Toda leitura é significativa e valiosa. Uma leitura vai interligando a outras, fazendo assim um elo de informações. Não se deve trabalhar de forma isolada, mais sim de forma conjunta. Sendo assim a responsabilidade deve sair da sala de aula e envolver toda instituição escolar. Koch, 1997, p.25 diz que:

O texto, como iceberg, possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente. Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair um sentido, faz-se necessário o recurso a vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais.

Ler em uma concepção interativa exige participação ativa do leitor, pois a partir de seus conhecimentos irá atribuir sentidos, relacionar fatos, estabelecer comparações. Para Solé (1998) existem passos indispensáveis para se conseguir desenvolver a leitura, e um deles é o ensino das estratégias, que juntamente com a “clareza e coerência do conteúdo dos textos, da familiaridade ou conhecimento de sua estrutura e do nível aceitável do seu léxico, sintaxe e coesão interna”, e do conhecimento prévio, o que não significa “saber o conteúdo do texto, mas ao de que entre este e seus conhecimentos a um elo para o processo de atribuição de significados”, irá permitir ao leitor a construção de sentido, conforme os conhecimentos ativados e, por conseguinte, o mesmo fará uma reflexão crítica.

Segundo sua linha de pesquisa Koch (2008) acentua em sua obra *Ler e Compreender*, a importância da ativação dos conhecimentos que o leitor já possui, para a compreensão significativa. Para que de fato o leitor compreenda o que foi por ele lido é necessário que a leitura tenha sentido, considerado por ele pertinente a sua real necessidade, dependendo de seu lugar social, seus conhecimentos, seus valores e suas vivências. É claro que o texto possui particularidades, mais é fundamental a interação autor – texto- leitor. Em artigo intitulado de *Leitura e escola concordando com Lajolo (1985), deve se considerar, primeiramente, que a leitura é sem dúvida um processo de comunicação entre leitor e autor, que ocorre mediado pelo texto, onde o ato de ler não é o de decifrar como jogo de adivinhações o sentido do texto. E sim partir do mesmo, ser capaz de atribuir significação, conseguindo relacioná-lo a*

todos os outros textos já lidos, reconhecendo nele o tipo de leitura que seu autor pretendia, mas ser de certa forma dono de sua própria vontade, podendo, no entanto entregar-se a esta leitura ou rebelar-se contra ela, propondo até mesmo outras indagações.

Sendo assim a leitura não deve ser entendida como um processo complexo, de difícil acesso. O ato de ler deve considerar mais que a capacidade dos olhos, deve levar alguns fatores específicos como: à memória, a atenção, a ansiedade, relações interpessoais. Todos os fatores citados devem, estão interligados de maneira a suprir as inquietações advindas do contato com a sociedade. No entanto, um dos pontos a salientar, e que pode se considerar o fator primordial, as condições de leitura oferecidas na base (Ensino fundamental). Nesse contexto cabe aqui a análise da preparação dos primeiros contatos com a leitura e seu significado.

Leitura base (ensino fundamental)

A pesquisa será ambientada no 1º ano do Ensino Médio, mas não devemos deixar de analisar, o principio do processo da leitura, ou seja, as series iniciais. No sentido de que o aluno ao ingressar no ensino médio, pelo menos o que deveria acontecer, traga consigo um gosto pela leitura, onde essa por sua vez deverá ser mais complexa. A leitura das series iniciais deve, ser tratadas de forma que proporcione ao aluno, um hábito para toda sua formação. É inegável a importância do incentivo da leitura nas series de base, com o intuito de aguçar uma futura inquietação no individuo, levando do básico ao complexo. Segundo (MEC/SEF, 1998, vol.3, p. 123):

O acesso a diferentes tipos de texto, mesmo bem antes da alfabetização, permitirá desenvolver tais capacidades, além de apresentar à criança elementos constitutivos do texto: vocabulário, estrutura, enredo, coerência interna, elenco de personagens e, além disso, o uso social da escrita, elementos esses que serão fundamentais no processo de alfabetização. Isso porque constatamos que as crianças constroem conhecimentos sobre a escrita muito antes do que se supunha.

O contato com as variedades textuais proporciona um contato visual no primeiro momento, e logo em seguida chama a atenção dos aspectos citados como enredo, à curiosidade pelos significados das palavras, e etc. As lendas, por exemplo, pode despertar sentimentos seja de medo ou de desconfiança, unirá o aluno a sua cultura. A leitura e

imprescindível em nossas vidas e sendo incentivada na series iniciais redera frutos nas series futuras. O incentivo á leitura no inicio da vida escola aumentará a probabilidade de um leitor ativo, concordando com Villard (1999, p. 11) em que diz “Há que se desenvolver o gosto pela leitura, afim de que possamos formar um leitor para toda vida”

Na educação infantil, as crianças não possuem um gosto pela leitura, nesta lacuna é que o professor desempenhar o papel de mediador e responsável pelo incentivo de uma leitura com objetivos. Nesse mesmo contexto é de suma importância citar o desafio da construção de um ambiente educativo, onde o mesmo possa desenvolver diversas perspectivas. Não se pode esquecer o respeito pelo desenvolvimento de todas as fases da criança. Segundo os RCNEI, 1998, para a educação infantil, o professor deve possibilitar a Ampliação gradativa de suas possibilidades para a comunicação e expressão, proporcionando o interesse do aluno a conhecer os vários gêneros orais e escritos ,onde o mesmo participe de diversas situações de intercâmbio social nas quais possa contar suas vivências, ouvir as de outras pessoas, elaborar e responder perguntas. Seguindo essa mesma linha ainda segundo os referenciais curriculares nacionais, a leitura não deve ficar presa, mas sim ser discutida em forma de roda, onde os alunos possam socializar o que foi lido de maneira a incentivar os demais participantes desse momento. É necessária a utilização de estratégias, como a de socialização, para que nesse contexto os alunos possam sentir a importância que sua leitura teve.

Kleiman (1999) destaca a importância da leitura em voz alta, pois a leitura para crianças deve ser significativa e prazerosa. O gosto pela leitura na series base deve ser motivadora, enfatizando as variações linguísticas no ato da leitura e escrita. É preciso o trabalho diário, de métodos que dêem ao aluno o prazer, o estímulo a leitura na criança deve ser uma experiência valiosa e prazerosa. Consequentemente será uma grande fonte de satisfação tanto para as crianças quanto para os adultos que as acompanharem.

Concordando com Gearaldi (2006), onde o mesmo diz com sua fala clara, objetiva sobre a perspectiva reflexiva, visto que deve abranger desde a problemática da realidade no âmbito da leitura, até as técnicas mais inovadoras. Tal perspectiva é indicada a alunos e profissionais da área da educação, mais especificamente a professores que desejam utilizar diferentes estratégias de leitura e proporcionar reflexão e criticidade aos seus alunos. Para tais técnicas faz se necessário destacar que o professor é responsável direto pela mediação do

processo ensino – aprendizado. Para alcançar seus objetivos o docente contará com alguns recursos em sala de aula, como por exemplo: O livro didático, sendo que o mesmo não é um recurso exclusivo. Nessa mesma linha entra, a utilização de textos complementares.

O professor e seus recursos para o desenvolvimento da criticidade do aluno

O ato de planejar é uma preocupação que rodeia a humanidade. As pessoas planejam a todo o momento, e o professor deve fazer do planejamento uma prática cotidiana, ou seja, ligar o fato de pensar com as atitudes a serem tomadas durante a aula, seguindo as necessidades dentro do ambiente escolar. A história do homem é um reflexo do seu pensar sobre o presente, passado e futuro. Segundo essa linha, o docente deve ter a preocupação com o material a ser utilizado como suporte, em suas aulas e de fato procurar preencher as lacunas encontradas no material didático a ele disponível. O primeiro que se pode citar é o livro didático um recurso de auxílio, mais não único. O livro didático (LD) não pode ser compreendido isoladamente, fora do contexto escolar e social. É um produto cultural - com suas especificidades, é claro - e, portanto, conformado deve estar ligado lógica da escola e da sociedade onde está inserido. Porém pode-se perceber que, o mesmo tem suas deficiências.

O avanço da educação é indiscutível, e com ele veio, muitas possibilidades de material didático. Essa seleção deve ser criteriosa, pois o (LD) é um a auxílio, de relevância nítida. Porém o professor deve ter consciência da utilização do livro didático vendo-o apenas para tornar seu trabalho acessível para o desenvolvimento de aula. O papel do professor vai além de um livro didático e o conteúdo nele exposto, o (LD) irá orientar o trabalho do professor, ou pelo menos delimitar certos procedimentos.

O docente de Língua Portuguesa, enfrenta alguns desafios quanto ao desenvolvimento de seu trabalho. A leitura vinda do LD, geralmente vem fragmentada, onde para alcançar tais objetivos faz-se necessário o uso de textos complementar. O uso contínuo e onipresente do livro didático, não deve ser visto como única fonte de ajuda ou, ainda, apresentar-se como substituto do docente, podendo comprometer diretamente aprendizagem do aluno. Os estudiosos que trabalham com a linha de pesquisa de um processo inovador na leitura, propõem a quebra do velho sistema. Fazendo uso de métodos e estratégias eficazes para o alcance do seu objetivos, enquanto formadores de cidadãos.

Para Neves (2002) em seu livro: A Gramática: história, teoria e análise, ensino. O LD é muito criticado pelo docente, mas tanto o livro como o professor dividem a mesma responsabilidade, exigindo um plano de ação a ser executado de modo que amenize as necessidades. Os LDs em sua maioria possuem atividades e textos que não atendem a necessidade dos alunos, sendo complexo e distante de sua realidade. Analisando essa fala torna-se essencial o uso de textos e atividades, que possa diretamente ter uma linguagem acessível, perto do seu real contexto social entre outros fatores, para uma leitura ativa e que proporcione sentido. O próximo recurso a ser analisado é a importância dos textos complementares oferecidos pelo docente na sala de aula. O professor precisa oferecer condições para que os alunos leiam não apenas durante atividades no ambiente escolar ou apenas nos livros didáticos solicitado pelo professor, por isso a importância do trabalho com a diversidade textual. Assim poderá contribuir para a formação de um bom leitor onde o mesmo possa compreender o que lê, o que não foi escrito, estabelecendo relações entre o texto lido e outras leituras.

A fragmentação dos textos é observada nitidamente, e por esse motivo é que a metodologia do professor deve incorporar o uso de textos, aonde possibilitará ao aluno uma aproximação mais profunda com a compreensão da leitura. Sabe-se ainda que seja preciso fugir de métodos rígidos e descontextualizados, sendo que a visão de muitos professores ainda está totalmente atrelada ao livro didático. Onde esse sistema de certa maneira acaba criando uma barreira no aprendizado significativo para o aluno. Dessa maneira fica evidenciado, a necessidade de se levar textos auxiliares para a sala de aula.

Onde podemos destacar a importância do conhecimento sobre os diferentes gêneros textuais que vem se apresentando como uma ferramenta de trabalho para o professor e em processo natural habilita o aluno a ter acesso ao nosso vasto acervo cultural e gradativamente ampliando seu conhecimento de mundo. Esse Trabalho deve estar paralelo com a preocupação com a compreensão textual e reflexão dos temas abordados, não somente nos textos impressos, mas também para os acontecimentos corriqueiros. Para (KLEIMAN, 1993, p.28)

Ler não é apenas decifrar letras, passar os olhos por algo escrito, fazer versão oral de um escrito, é um meio de interrogar uma escrita, formular um juízo sobre ela. Ler é estabelecer uma comunicação com textos impressos, por meio da busca da compreensão. É o processo de construir significado a partir dos textos.

Assim pode-se perceber a relevância de se trabalhar os métodos que de uma forma bem dinâmica possibilitará ao aluno uma compreensão bem mais significativa dos materiais a ele oferecidos. Onde o docente deverá ter a preocupação, como um formador de cidadão em proporcionar aos educados viés de se tornar indivíduos ativos na construção da sociedade a qual esta inserido.

Conclusão

É indiscutível que no ambiente escolar, nossos alunos tenham contado com os gêneros textuais. Porém de acordo com a nova proposta de ensino/aprendizagem, o indivíduo precisa ter referências e motivações para o seu real aprendizado. E nesse contexto entra os preceitos discursivos de que todo gênero e suas características possuem motivações de cunho: Social, histórico e ideológico, fazendo um elo com o campo semântico, pois para que haja a construção textual deve-se referir organizar e interpretar os indivíduos e suas relações sociais. A questão semântica está totalmente relacionada à ligação entre a palavra ou expressão e seu espaço social, ou seja, apontando para seu mundo. É nítido que sendo assim estamos falando de uma relação entre o tempo e história.

A linguagem constitui o mundo sendo assim, não podemos distanciar ambas. Em um discurso o locutor, não estará dotado da verdade, pois interlocutor esse ira constituir seu pensamento, concordando ou não. Para semântica formal a linguagem é um meio para alcançarmos uma verdade que esta fora da linguagem, só assim poderá falar objetivamente do mundo, ou seja, um conhecimento seguro sobre o mesmo. Ainda podemos destacar características da enunciação como, por exemplo: A pressuposição, um enunciador presente no enunciado, situa o dialogo no comprometimento de que o ouvinte aceite a voz pressuposta. Outro fator primordial são os tipos de negação, pois dentro de uma sentença podemos encontrar a polifonia, presença de varias vozes. Ao negarmos o enunciador teremos uma negação polemica e ao negarmos o posto uma negação metalinguística e por fim temos a negação descritiva, onde o locutor descreve o estado negativo do mundo. Outro fenômeno presente na enunciação é polissemia os vários sentindo para a mesma sentença, possibilidade

essa que não restringe nenhuma interpretação e sim abrange as varias possibilidades de compreensão de determinada palavra ou construção frasal. Espera-se com esse trabalho possa levar discussões, sobre a importância da compreensão textual e os desafios que são encontrados no ensino médio e que tais questões abordadas sejam de relevância para estudos posteriores sobre esse processo contextualizado.

Referências

- BRANDÃO, H. N. (org.) **Aprender e ensinar com textos (Gênero do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica)**. V.5. São Paulo: Cortez, 2000, pp 17-25.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**– Brasília: MEC/ SEF, 1998, vol. 1 – introdução.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998c. V. 2.
- CORACINI, Maria José. (Org.) **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. São Paulo: Pontes, 1999.
- FERREIRO, E. (org.), **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1992.
- GERALDI, João Wanderley. **Prática de leitura na escola**. In: GERALDI, João Wanderley [Et al] (org). **O texto na sala de aula**. 4 Ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 88-99.*
- _____. **O texto na sala de aula - leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.
- LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto, 1987.
- KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes, 1989.
- _____. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1997.
- _____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. São Paulo: Pontes, 1997.
- KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática,
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social**. In: ORLANDI, E. P (org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1998. p.38-57.
- MARTINS, Maria Helena. **O que leitura**. 19 ed . São Paulo Brasiliense, 1994.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Unesp, 2002.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez/Edunicamp, 1988/1989, p. 120.
- SILVA, E. T. da. **Criticidade e leitura: ensaios**. Campinas, SP: Mercado de Letras.

_____. **Ler é antes de tudo, compreender.** In – O ato de ler: fundamentos Psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 1981, p. 42-45.